

BENNANI-CHRAÏBI: «MARROCOS NÃO É UM MUSEU PROTEGIDO ...»

A sociedade marroquina continua a dar sinais da insatisfação dos seus habitantes enquanto o regime continua a dar mostras de incapacidade de adaptação às mudanças. «Um aparelho coercivo, por mais poderoso que seja, não pode garantir a sobrevivência de um regime indefinidamente», como disse Mounia Bennani-Chraïbi.

Em 23 de Fevereiro passado as ruas de Casablanca encheram-se de populares contestando o regime político que domina o país. Porque protestavam eles? Segundo o sítio *peoplesdispatch*, «contra uma série de questões que assolam o país. Os marroquinos têm enfrentado a degradação das condições económicas, o desemprego e o alto custo de vida, resultado da desigualdade social e da falta de direitos civis e humanos no país, além das políticas antidemocráticas seguidas pelo regime. Milhares de pessoas que participaram nos protestos exigiram mais direitos democráticos, melhores condições de vida e a libertação dos presos políticos, especialmente os detidos durante os protestos no Rif». Lembramos que esses protestos, iniciados em Outubro de 2016 e desencadeados pela morte de um peixeiro trucidado numa camioneta do lixo para onde a polícia tinha lançado o peixe que lhe havia extorquido, espalharam-se depois a outras regiões do país. O movimento foi esmagado por uma brutal repressão das autoridades que fizeram mais de 1.000 presos, dos quais 53 – considerados os dirigentes da contestação – foram julgados e condenados a pesadas penas de prisão.



Fig. 1: Uma iniciativa da FSM

A base organizativa de onde nasceu esta nova iniciativa teve um carácter inovador pela sua heterogeneidade e amplitude. Partiu da recentemente criada Frente Social Marroquina (FSM), unindo mais de uma trintena de organizações políticas, sociais, de defesa dos direitos humanos e de activismo social, entre os quais se incluem 4 partidos políticos, a Confederação Democrática do Trabalho e a Associação Marroquina dos Direitos Humanos.

Segundo o *peoplesdispatch*, «Younis Ferrachin, coordenador do FSM, disse num discurso durante os protestos que o objectivo da manifestação era exigir justiça social, direitos e liberdades e que a luta continuaria até que essas exigências fossem atendidas. Alertou para o rápido declínio na situação dos direitos humanos no país, bem como as crescentes restrições sistemáticas impostas às liberdades civis e políticas dos cidadãos marroquinos».

No dia a seguir a esta iniciativa o MiddleEastEye divulgou uma entrevista com Mounia Bennani-Chraïbi, professora de Ciências Políticas na Universidade de Lausanne (Suíça), que há três décadas vem analisando os movimentos políticos e sociais em Marrocos. Fez parte do elenco de investigadores

que colaborou na edição do nº 21 da revista L'ANNÉE DU MAGHREB de Dezembro de 2019 dedicada ao tema "Quando a Argélia protesta. Pensar na contestação no Magrebe".

O artigo de Bennani-Chraïbi tem um título sugestivo: «Retrospectiva sobre a voz da rua em Marrocos: nada muda para que nada mude». Segundo o *Middle East Eye*, «A especialista em movimentos políticos e sociais regressa nesta entrevista aos desenvolvimentos do protesto em Marrocos. Um tópico quente, quando no domingo [23 de Fevereiro] vários milhares de pessoas se manifestaram em Casablanca por uma "verdadeira democracia"» e «mostra como a "relativa liberalização do regime" e a gestão dos anos de chumbo (1956-1999) - um período durante o qual numerosas violações dos direitos humanos foram cometidas contra os opositores políticos e os activistas democráticos - contribuíram para transformar a "voz da rua"».

Dessa entrevista seleccionámos os seguintes extractos:

«Middle East Eye: Como se articula hoje em Marrocos a voz do protesto e quais os seus principais desenvolvimentos desde a época colonial?»

«**Mounia Bennani-Chraïbi:** A expressão "voz da rua" designa expressões de protesto que se desdobram em locais públicos abertos (cortejos, tumultos, manifestações, *sit-in*). (...)

«O impulso para a acção colectiva já não é um apanágio de partidos políticos, sindicatos ou associações. As figuras do protesto diversificaram-se e feminizaram-se. A um outro nível, o repertório de acção tende a homogeneizar-se, enquanto se presta a uma grande inventividade. (...)

«MEE: O desapontamento provocado pelo M20F [Movimento de 20 de Fevereiro] e a violenta repressão no Rif abriram caminho para novas formas de protesto ou, pelo contrário, travaram-nas?»

«**MBC:** A curva de mobilizações no espaço público tem variado. Teve uma quebra em 2014, antes de voltar a subir a partir de 2016, depois voltou a descer.

«Mas as expressões de protesto não se reduzem a marchas e a *sit-in*. Várias iniciativas nasceram na sequência do M20F: teatro do oprimido, filosofia na rua, etc. Em 2018, o movimento de boicote contra o custo de vida apanhou de surpresa os decisores e actores políticos.

«As tentativas de controlo das fronteiras aumentaram e numerosos candidatos ao exílio deram um carácter político ao seu acto. Simbolicamente, foram proclamadas "renúncias à nacionalidade". Toda uma cultura da transgressão desenvolveu-se no rap marroquino, nos estádios de futebol e nas redes sociais.

«O próprio facto de simples estudantes liceais terem sido presos por causa dos seus *posts* trai a desorientação das autoridades, que tentam desesperadamente restabelecer o muro do medo.

«MEE: No seu artigo explica que a clivagem centro / periferia em que se organiza a voz do protesto é mais forte do que antes. Como explica isso? Isso representa uma barreira para a sua evolução?»

«**MBC:** Segundo certas leituras, a multiplicidade de clivagens étnicas, confessionais ou regionais dificulta a cristalização de uma clivagem central entre o centro e a periferia e a formação de grandes aglutinações de protesto (até mesmo revolucionárias).

«Em Marrocos, durante muito tempo a ênfase foi colocada na natureza fragmentada e segmentada da sociedade. Mas, embora o regime tenha explorado esse filão acusando os

contestatários do *hirak* do Rif de separatismo, Nasser Zefzafi [um de seus membros presos] tornou-se um ícone nacional dos manifestantes.

«As transformações que ocorrem na arena contestatária mostram que a divisão centro / periferia ("Marrocos útil" / "Marrocos inútil"; "predadores" / "filhos do povo") tende a ter precedência sobre as outras clivagens, o que cria condições favoráveis para a extensão dos protestos. (...).

«MEE: Podemos dizer que a juventude marroquina, em particular graças às redes sociais, é hoje capaz de se organizar de forma autónoma?»

«MBC: As redes sociais são uma poderosa ferramenta de comunicação, como foi noutros tempos a imprensa, os caminhos de ferro ou o telegrama. No entanto, não basta fazer um clique para resolver o problema da organização de uma acção colectiva. O processo de autonomização é inseparável da acumulação das aprendizagens conseguida pelos contestatários.

«MEE: Poderá a contestação marroquina, à semelhança do que se passa na Argélia, assumir uma nova forma?»

«MBC: Contrariamente aos discursos sobre a excepcionalidade marroquina, o reino não é um museu protegido dos sobressaltos que agitam a sua vizinhança.

«Lembremos que as negociações que precederam a formação do governo alternativo "consensual" em 1998 [após a designação da esquerda, depois de 40 anos de oposição, pelo rei Hassan II para levar adiante o processo de transição democrática antes da sua morte] são indissociáveis do contexto regional do final dos anos 80 e início dos anos 90: esperanças de democratização na Tunísia e na Argélia, grandes mobilizações contra a Guerra do Golfo em 1991.

«Da mesma forma, o movimento de 20 de Fevereiro é inseparável da onda de protestos que ocorreram na região [Primavera Árabe iniciada em 2011].

«Embora as interacções entre os manifestantes e os detentores do poder façam parte de uma historicidade, elas são regularmente afectadas pelas mudanças de horizonte do pensável e do fazível à escala regional e transnacional.

«MEE: Podemos dizer que a política de "pacificação radical" que evoca no seu artigo - a ideia de que uma cidade fortemente reprimida permanecerá calma por vinte anos, ou seja a memória de uma geração -, implantada desde o início pelos franceses e depois adoptada e actualizada pela monarquia marroquina, funcionou?»

«MBC: Acima de tudo, essas políticas mostraram que um aparelho coercivo, por mais poderoso que seja, não pode garantir a sobrevivência de um regime indefinidamente.»